

Morte de Diana: análise discursiva de fundamentos de Storytelling em notícia da *Folha de S. Paulo* sobre o funeral da Princesa de Gales*

Giovanna Caldeira Tedeschi**

RESUMO

Este artigo consiste em uma análise discursiva de uma notícia da *Folha de S. Paulo* sobre o funeral da princesa de Gales como forma de observar se o Storytelling é utilizado. Conclui-se que seus fundamentos estão presentes.

Palavras-chave: Comunicação. Princesa Diana. Storytelling.

INTRODUÇÃO

Diana Spencer, a princesa de Gales, se tornou conhecida nos anos 1980, quando começou a se relacionar com o príncipe Charles, de acordo com matéria do jornal O Globo.

Diana surgiu de maneira rápida e fulminante na família real. À época uma tímida jovem de 19 anos, vinda de uma família aristocrata, seu nome ficou famoso em 1980 como namorada do príncipe herdeiro do trono — 13 anos mais velho que ela e pressionado por não ter se casado até então. (Diana: entre glamour..., 2017).

Uma morte cercada por controvérsias apenas fez com que a figura da princesa atraísse mais interesse. Teorias da conspiração afirmam que o acidente de carro que a vitimou aconteceu a mando da família real, uma vez que estaria grávida do então namorado (Diana: entre glamour..., 2017). Apesar de nada ter sido provado, os questionamentos nunca se extinguiram.

Mas por que uma figura da realeza, dentre tantas outras, marcou época? Qual o diferencial de Lady Di dentro de uma família com milhares de anos de história? O que contribuiu para uma representação midiática tão forte?

O Storytelling é uma ferramenta que pode ter contribuído. Prova disso são as inúmeras obras baseadas na vida da princesa. São filmes, livros, documentários, séries e outros que se utilizam do chamado “conto de fadas” para criar uma história com começo, meio e fim.

*Artigo apresentado como parte de trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de especialista em Gestão de Comunicação e Marketing pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo sob orientação da Prof.^a Dr.^a Liriam Luri Yamaguchi Yanaze.

**Especialista em Gestão de Comunicação de Marketing pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Graduada no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: gigitedeschi@gmail.com.

Assim, nesta pesquisa, analisamos a relação entre uma notícia sobre o funeral de Lady Di e o Storytelling. Pergunta-se: o Storytelling está presente na notícia da *Folha de S. Paulo* sobre o funeral da princesa Diana?

Para justificar este estudo, é preciso observar alguns dados. Há cerca de 25 anos, Lady Diana, recém-divorciada de Charles, morria em um acidente de carro. O evento tomou grandes proporções: de acordo com Braga e Canzian (1997), o cortejo do funeral levou mais de 2 milhões de pessoas às ruas e teve uma audiência na TV de 700 milhões a 1 bilhão de pessoas, sendo maior até que a do casamento da princesa.

Ao observar estes dados, percebe-se a relevância de analisar a figura de Diana, tanto para a mídia, quanto para os estudos de comunicação e marketing. Afinal, por que uma mulher da realeza causou tanto impacto?

Este artigo também facilita a compreensão de fundamentos do Storytelling, uma vez que lhes confere uma aplicação prática, o que é uma contribuição à Academia.

Ainda colabora para as pesquisas sobre a representação de mulheres na mídia, especialmente as da realeza, o que é uma continuação dos estudos da presente autora, que já tratou da relação entre as uniões de Charles e Diana e Harry e Meghan Markle (Tedeschi, 2019a) e do status de Meghan como acontecimento em seu casamento (Tedeschi, 2019b).

E, ainda, abre o caminho para o surgimento de novos trabalhos e discussões sobre temas como realeza, Storytelling, representação feminina na mídia, entre outros.

A partir destas reflexões, propomos um objetivo geral: verificar, por meio da análise discursiva, se fundamentos de Storytelling estão presentes na notícia sobre a princesa Diana. E, também, objetivos específicos: verificar como os fundamentos são colocados, se estiverem presentes; e observar de que forma a imprensa é retratada nas notícias.

Se tratando da metodologia, inicialmente foi realizada uma pesquisa exploratória, para determinar o tema exato da pesquisa e os acontecimentos marcantes na vida da princesa. Depois, uma busca no acervo *on-line* da *Folha de S. Paulo* para buscar a notícia a analisar.

Também realizamos uma pesquisa teórica sobre os principais autores nas áreas de Storytelling, como Palacios e Terenzo (2016) e Núñez (2007), e ainda houve a busca de bibliografia para contextualização sobre o tema, como o artigo de Rondelli e Herschmann (2000), a obra de Morton (2013) e o site oficial da família real britânica, Royal.uk.

Por fim, selecionamos a Análise do Discurso (AD), com base em Maingueneau (2008; 2012), como forma de análise da notícia selecionada, referente ao funeral da princesa.

1 STORYTELLING

Storytelling é um conceito cada vez mais discutido por autores dentro e fora da esfera acadêmica.

Palacios e Terenzo (2016) dividem o termo em duas raízes, sendo *story* a história em si e *telling* a forma de contá-la. Os autores diferenciam a definição da palavra quando se inicia com letra maiúscula. “O Storytelling - escrito assim, com S capitular - é uma tecnologia de comunicação que implica em saber encontrar e contar uma história fabulosa, com um propósito épico, de forma fantástica” (Palacios e Terenzo, 2016, p. 63).

O espanhol Núñez (2007) define o conceito como a arte de narrar qualquer tipo de relato, seja um filme, campanha publicitária ou apresentação em *power point*. A ideia é persuadir o interlocutor. “É uma ferramenta de comunicação estruturada em uma sequência de eventos que apelam aos nossos sentidos e emoções. Ao expor um conflito, revela uma verdade que traz sentido às nossas vidas” (Núñez, 2007, p. 29, tradução livre).

1.1 FUNDAMENTOS

De acordo com Palacios e Terenzo (2016), os fundamentos são os padrões que se repetem em diferentes histórias. O primeiro deles é o Protagonismo, afinal, não há história sem personagens. O segundo é a Tensão: é necessário que, na jornada para atingir seu objetivo, o protagonista lide com obstáculos, o que torna a história interessante.

O terceiro é o Ensino: a lição que o personagem aprende para atingir seu objetivo. O quarto é o Significado, literalmente o “fazer sentido”. É o embate entre o bem e o mal, o contraste entre personagens, a polarização entre elementos, no geral.

Por fim, o fundamento mais significativo, de acordo com os autores, é o quinto: Verdade Humana. “Esse fator se refere à crença de que, no fundo, somos todos muito parecidos. Todos sentimos uma mesma gama de emoções durante a vida e até por isso somos capazes de sentirmos uma conexão com outro membro da raça humana” (Palacios e Terenzo, 2016, p. 77).

1.2 STORYTELLING NO JORNALISMO

Storytelling não é um tema tão recente no jornalismo. De acordo com Palacios e Terenzo (2016), a técnica já era utilizada pelo jornalista e inventor Benjamin Franklin, que se utilizava de fatores chocantes e até cômicos para atrair o público.

Mas, no fim do século 19, houve um enorme crescimento da população, o que gerou um aumento da produção de jornais diários e, conseqüentemente, dos custos. Desta forma, os anunciantes se tornaram ainda mais relevantes.

Assim, foi necessário reduzir o espaço que as matérias mais narrativas ocupavam e as notícias se tornaram padronizadas, excluindo o formato de história reproduzido anteriormente. A crise de 1929 também gerou uma busca maior por objetividade.

Foi após a Segunda Guerra Mundial, segundo os autores, que surgiu o *New Journalism*: um formato mais interpretativo, que unia a narrativa jornalística à literária. Ainda assim, o jornalismo imediatista seguia ocupando uma posição mais relevante.

Mas, no início dos anos 2000, com o surgimento dos *blogs* e das redes sociais, o excesso de informações passou a fazer parte do dia a dia do ser humano, e a limitação de espaço quase deixou de existir. Com isso e a possibilidade de qualquer usuário postar notícias em tempo real, tornou-se mais importante ser relevante do que imediatista. E, assim, o Storytelling volta a ser uma oportunidade (Palacios e Terenzo, 2016).

Apesar de o nosso objeto de análise não se classificar necessariamente como jornalismo literário, acreditamos ser essencial buscar referências nesta área, uma vez que é onde o Storytelling se apresenta de forma mais robusta.

De acordo com o jornalista e psicólogo Felipe Pena (2006), o jornalismo literário representa muito mais do que fugir da redação clássica: é ampliar os recursos já existentes.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (Pena, 2006, p. 6).

Ou seja: apesar de o jornalismo literário representar uma mudança de paradigma, suas raízes no jornalismo diário ou factual seguem presentes. Isso significa que ainda existe uma relação intrínseca entre esses gêneros e possibilita analisar a influência do Storytelling mesmo no factual, uma vez que os conceitos sempre acabam se cruzando.

Mais à frente, Pena (2006), menciona um questionamento que desejamos trazer ao presente artigo: se o factual contém Storytelling.

O termo jornalismo literário dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado. (...) **O problema é que já parte do pressuposto de que o texto exclusivamente informativo não tem uma narrativa trabalhada** (Pena, 2016, p. 13, grifo nosso).

Souza (2018) também aborda o uso do Storytelling como técnica jornalística. Para o autor, mesmo que a notícia busque a objetividade, a construção de uma história é quase inevitável.

Embora o relato jornalístico ambicione a objetividade e a informação, **é sempre o resultado de uma construção que, em última instância, apresenta-se sob a forma de uma narrativa**. Desde a seleção dos eventos que serão representados, através da escolha das fontes ou das personagens citadas, até à ordenação espaço-temporal de cada elemento textual, efetua-se um movimento contínuo de elaboração narrativa (Souza, 2018, p. 11, grifo nosso).

2 LADY DI: UMA PERSONAGEM DA MONARQUIA

2.1 VIDA DE DIANA

Diana Frances Spencer nasceu em 1º de julho de 1961 em Norfolk, na Inglaterra. Se tornou Lady em 1975, quando seu pai, John Spencer, herdou um condado (Diana, Princess of Wales, 2023). Há muitos anos, sua família já era presença frequente nos palácios de Kensington, Buckingham e Westminster e até chegou a ocupar cargos no Estado e na corte.

A avó paterna de Diana, condessa Spencer, foi dama de companhia da rainha Elizabeth, a rainha-mãe, enquanto sua avó materna, Ruth, Lady Fermoy, foi uma das damas de companhia por quase trinta anos. O falecido conde Spencer serviu como camarista real do rei George VI e da atual rainha (Morton, 2013).

Diana viveu em Norfolk até a morte de seu avô, quando seu pai se tornou o novo conde. Em 1975, mudou-se para Althorp, em Northamptonshire, onde ficava a Casa Spencer (Diana, Princess of Wales, 2023). Em 1979, foi para Londres, onde trabalhou como babá e professora de jardim de infância (Diana, Princess of Wales, 2023).

2.1.1 Casamento com Charles: o início do conto de fadas

Charles namorava a irmã de Diana quando os dois se conheceram em 1977, segundo Morton (2013). Na época, o então Príncipe de Gales era considerado o solteiro mais cobiçado do mundo.

Em 1980, o futuro casal se encontrou novamente na casa de um amigo em comum (Morton, 2013). Foi a partir daí que o romance começou a se desenvolver e levou ao noivado, no início de 1981 (Diana, Princess of Wales, 2023).

Ainda no período entre o namoro e o noivado, Diana foi descoberta pelos paparazzi, como afirma Morton (2013).

Faziam plantão diante de seu apartamento dia e noite, enquanto os fotógrafos a perseguiam até o jardim de infância Young England, onde ela trabalhava. [...] Cada vez que saía, em seu reconhecível Metro vermelho, era seguida por um batalhão de repórteres.

O casamento aconteceu em 29 de julho de 1981 na Catedral de St. Paul, em Londres, com uma audiência de rádio e TV de cerca de um milhão de pessoas, além das centenas de súditos no caminho entre a catedral e o Palácio de Buckingham, onde ocorreu a recepção (Diana, Princess of Wales, 2023).

O primeiro filho, William, nasceu em 21 de junho de 1982. O segundo, Harry, em 15 de setembro de 1984. Em dezembro de 1992, o casal anunciou a separação e, em agosto de 1996, ocorreu o divórcio (Diana, Princess of Wales, 2023).

2.2. MORTE DE DIANA: O FINAL TRÁGICO

Diana morreu em 31 de agosto de 1997 em um acidente de carro em Paris, na França (Diana, Princess of Wales, 2023). Apesar das acusações iniciais de que os *paparazzi* teriam sido responsáveis pelo acidente, descobriu-se mais tarde que o motorista do veículo havia consumido álcool muito além do limite permitido para dirigir e também teria usado drogas (Morton, 2013).

Apesar disso, há relatos de que a presença dos fotógrafos no local era tão massiva que a polícia precisou chamar reforços. E, ainda, que a porta do carro foi aberta para que fosse possível obter imagens mais chocantes da cena (Morton, 2013).

Enquanto o namorado da princesa, o empresário Dodi Fayed, morreu na hora, Diana chegou a ser levada para o hospital, onde passou por uma cirurgia de emergência, mas não resistiu (Diana, Princess of Wales, 2023). O corpo foi repatriado ao Reino Unido e o funeral aconteceu em 6 de setembro de 1997, tendo a presença da família real, de celebridades e de súditos (Morton, 2013).

A visão da vida, e, conseqüentemente, da morte da nobre como uma espécie de história com começo, meio e fim (com aplicação do Storytelling) fica clara ao observar-se o texto de Morton (2013).

[...] enquanto a vida lhe escapava, com a buzina do Mercedes tocando pesarosamente na noite, como uma música de despedida macabra, sua vida adulta terminava como começara, na luz reveladora e intermitente do flash de uma máquina fotográfica. Até mesmo na cidade dos sonhos, ela não escapara de seu passado.

Para Rondelli e Herschmann (2000), o impacto da morte dela foi maior do que o de outras figuras justamente porque Lady Di era uma das pessoas mais fotografadas e vistas no planeta. Toda essa exposição provocou a criação de uma narrativa divulgada globalmente.

Sua trajetória trazia ingredientes que foram espetacularizados, transformados em uma espécie de “novela” veiculada em escala global: casamento de contos de fadas, adultério, depressões, tentativas de suicídio, divórcio, trabalho assistencial por todo o mundo, namorados playboys ou exóticos e, finalmente, uma morte trágica. (Rondelli e Herschmann, 2000, p. 212-213).

3 METODOLOGIA

Este artigo consiste em uma análise de uma notícia da *Folha de S. Paulo* sobre o funeral da princesa Diana, que aconteceu em 6 de setembro de 1997. Selecionamos a matéria publicada no dia seguinte ao evento, para que fosse possível observar a morte da princesa com certo distanciamento da data do acidente, assim abrindo espaço para um Storytelling mais robusto.

Nesta pesquisa, utilizamos tanto os cinco fundamentos de Palacios e Terenzzo (2016), quanto a Análise do Discurso (AD), com base em Maingueneau (2008; 2012). Por meio da AD, observamos como essas classificações aparecem na notícia selecionada.

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO

Para Maingueneau (2012), a Análise do Discurso não deve ser usada apenas para reduzir dificuldades de entendimento entre o que é lido e o que foi dito, mas para interpretação.

Para a análise de discurso, o saber linguístico, ao invés de ser convocado apenas para dissipar as opacidades que podem se interpor entre o presente da leitura e a evidência da proferição primeira, deve tornar-se parte do processo interpretativo (Maingueneau, 2012, p. 65-66).

Em obra de 2008, o autor explica que todo enunciado é assimétrico. Isso significa que seu sentido não é estável e pode variar de acordo com o destinatário da mensagem.

(...) Nada garante que o que reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se à gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável (Maingueneau, 2008, p. 20).

Essa busca por significados é exatamente o que pretendemos com este trabalho: por meio dela, investigaremos as conexões com os conceitos de Storytelling para entender se estão presentes na notícia.

Outro fator importante, segundo Maingueneau (2008), é a forma de transmissão. No caso da impressão, como no jornal analisado, os efeitos do discurso podem ser acentuados, de acordo com o linguista. Com uma grande quantidade de textos idênticos e sem marcas que os individualizam (diferentemente dos escritos à mão), o discurso se torna mais fechado. A impressão pode ainda realçar a ideia de seriedade e confiabilidade.

Em vez de uma variação contínua, temos um objeto inalterável e fechado em si mesmo, como o autor que ele pressupõe. O texto impresso, ao dispor caracteres invariantes sobre o espaço branco de uma página idêntica às outras, abstrai o texto da comunicação direta, de pessoa a pessoa (Maingueneau, 2008. p. 80).

4 ANÁLISE

No título (“Funeral de Diana leva 2 milhões às ruas e se torna evento global”), já é possível perceber que a notícia se volta muito mais para a repercussão do funeral do que para o evento em si. Ao invés de falar onde a cerimônia aconteceu, por exemplo, os autores priorizam a informação de que 2 milhões de pessoas foram às ruas e que esse tornou-se um “evento global”.

O primeiro item que aparece nos subtítulos também coloca em destaque a repercussão: 60 países e 1 bilhão de espectadores. Apenas nos dois outros itens são citados os detalhes sobre o funeral. Neles, encontramos indícios do conceito de Storytelling. No segundo, o choro dos filhos da princesa remete à Verdade Humana: a empatia, a conexão gerada entre o leitor e os personagens em um momento de luto. Nesse momento, também aparece o “conto de fadas com fim trágico”, mencionado na introdução do presente estudo.

No terceiro tópico, observa-se o Significado: não há apenas duas, mas três entidades em embate: Diana, a família real e a imprensa. Observamos, ainda, a ordem da frase: a realeza aparece primeiro, o que coloca a imprensa em segundo lugar. Isso pode demonstrar uma suavização do papel da mídia como vilã, uma vez que a *Folha* faz parte desse grupo e provavelmente não deseja se responsabilizar por uma morte tão trágica.

No lide (primeiro parágrafo), o foco também é a repercussão: os autores afirmam que cerca de 2 milhões de pessoas se postaram nos 130 km de cortejo. É interessante observar, porém, a falta de contexto sobre o local do enterro. Apesar de citarem Althorp, e dizerem que se localiza no centro da Inglaterra, em nenhum momento Braga e Canzian (1997) explicam que essa é propriedade da família da princesa, herdada quando seu pai se tornou conde, o que pode ser uma tentativa de distanciamento entre Diana e a realeza. Percebe-se que foi preferível repetir o nome do local no fim do parágrafo ao invés de evitar a repetição e ainda aproveitar para trazer a explicação.

Já o segundo parágrafo é marcado por simbolismo e tradição britânica, como é possível observar no excerto a seguir.

No começo do funeral, o caixão de Diana, coberto pela **bandeira da monarquia**, foi transportado do **palácio de Kensington, onde morou, para a abadia de Westminster numa carreta de canhões puxada por seis cavalos** (Braga e Canzian, 1997, p. 17, grifo nosso).

Há também um senso de importância: o caixão foi transportado de um palácio para uma abadia (ambos locais de grande relevância) por uma carreta de canhões (o que mostra pompa e circunstância) com seis cavalos (o que demonstra que a carga era bastante pesada não apenas figurativamente, mas literalmente, uma vez que exigiu uma quantidade grande de animais para carregá-la).

E, ainda, há a sensação de que o ciclo se completou, como manda o Storytelling: a princesa nasceu, morou em um palácio e agora termina a vida sendo levada para um local tão imponente quanto. Temos começo, meio e fim bem estabelecidos e amarrados.

No mesmo parágrafo, há novamente a associação com Verdade Humana que mencionamos no início da análise. Os filhos da princesa não apenas choraram: andaram de cabeça baixa (demonstrando tristeza e vulnerabilidade) e colocaram, além de flores, “uma carta com a palavra ‘mummy’ (mamãe)” (Braga e Canzian, 1997, p. 17) sobre o caixão. O uso dessas palavras facilita a identificação com o leitor do texto, uma vez que são usadas por grande parte das famílias. Chega a ser uma forma de gerar empatia com as crianças que perderam a mãe tão jovens.

Também vale mencionar que o príncipe Charles parece ser colocado o tempo todo em segundo plano, apesar de ser uma figura importante nesse contexto: além de pai de William e Harry e ex-marido de Diana (considerando termos narrativos, até uma espécie de antagonista na

história dela), era, na época, primeiro na linha de sucessão. Ele parece ser apenas quem acompanha a situação, mas não toma ações, e sua posição de herdeiro da coroa não é sequer citada neste momento, o que também pode ser interpretado como uma forma de distanciamento da realeza.

No terceiro parágrafo, o foco na repercussão é retomado, com menções sobre a audiência mundial da cerimônia fúnebre: 700 milhões a um bilhão de pessoas, apesar de estimativas “otimistas” falarem em até 2,5 bilhões de pessoas. Ao mesmo tempo, os autores trazem uma comparação que novamente desvaloriza Charles (e de certa forma, até a realeza, uma vez que ele é o herdeiro): o público que assistiu ao funeral foi superior (e o uso dessa palavra traz até uma noção de superioridade) ao casamento entre ele e Diana. Ou seja, a união parece ter chamado menos atenção e sido menos relevante. E isso é positivo, uma vez que as estimativas de 2,5 bilhões de pessoas no funeral são otimistas.

No quarto parágrafo, mais um exemplo de Verdade Humana, que inclusive já havia sido mencionado na análise sobre os subtítulos: William e Harry choraram no funeral. É novamente uma forma de vulnerabilidade, que pode humanizar os membros da realeza: são apenas meninos que perderam a mãe. Na mesma frase explica-se o momento do choro: a performance de *Candle in the Wind*, realizada por Elton John. Até mesmo a celebridade é humanizada, uma vez que não foi apenas contratado para a apresentação, mas compareceu como um amigo da princesa, para homenageá-la, e até criou uma nova versão da música.

No quinto parágrafo, surge uma nova personagem, que até agora não havia sido mencionada (apesar de ser a monarca, a presença mais significativa em grande parte das situações): a rainha Elizabeth. Neste momento, é possível perceber novamente a presença do fundamento de Significado, considerando que há um contraste entre o bem e o mal, como explicam Palacios e Terenzzo (2016). A rainha pode ter sido vista como vilã em alguns momentos, mas ninguém é apenas bom ou apenas mau: há nuances. E o relato da atitude de Elizabeth, de aguardar o cortejo e até curvar a cabeça (assim como fazem os súditos) demonstra essas nuances.

Na segunda frase do mesmo parágrafo, os autores utilizam a voz passiva para afirmar que a rainha “foi criticada”. Nas entrelinhas, surge o questionamento: criticada pela imprensa, que não possuía interesse de ser mencionada nesta matéria? Pelo público? Por quem?

Percebe-se ainda que a causa da morte de Diana, comumente um dos primeiros tópicos ao noticiar o falecimento de um famoso, é mencionada apenas neste parágrafo, mais ao final do texto, o que novamente indica que a notícia tem como foco muito maior a repercussão da cerimônia do que o acontecido em si.

Ainda neste parágrafo, há finalmente a explicação de como Diana se conecta à família real: ela era casada com o filho mais velho da rainha, herdeiro do trono. Novamente, Charles é colocado em segundo plano. Além de seu nome não ser sequer mencionado nesse momento, o personagem é inserido apenas para contextualizar quem a princesa era. E vale mencionar: o sujeito em “se divorciou” é Diana: parece ter sido uma escolha dela, não de Charles, que novamente aparece como figurante.

Já no sexto parágrafo, assim como no segundo, o assunto é simbolismo, aqui com mais foco na quebra de tradições, como é possível observar no trecho a seguir. “Pela primeira vez, a **bandeira da monarquia foi retirada do mastro principal e substituída pela do Reino Unido**, hasteada a meio pau. O símbolo da monarquia nunca havia sido retirado do local.” (Braga e Canzian, 1997, p. 17, grifo nosso)

É possível notar que há novamente um afastamento: a bandeira que representa Diana não é a da monarquia, e sim a do Reino Unido. E que a princesa, muitas vezes vista pela imprensa como uma personalidade rebelde (como relatado no item 1), acaba sendo responsável por mais uma ruptura, mesmo em morte. O Significado também está presente nesta quebra, uma vez que representa uma oposição entre duas forças: a monarquia e o Reino Unido.

Percebe-se ainda que os autores descrevem a remoção da bandeira utilizando a voz passiva. Ou seja: a realeza não é creditada nem mesmo por essa ação, uma vez que a frase não tem sujeito.

No sétimo parágrafo, observamos dois fundamentos do Storytelling: Tensão e Significado. O primeiro aparece se considerarmos que a imprensa e a família real representam obstáculos entre o personagem (nesse caso, Diana) e seus objetivos (chegar ao seu destino ou, de forma mais abstrata, ter seu final feliz).

O Significado está presente quando relembramos que esse fundamento tem relação direta com a existência de duas entidades que disputam para gerar o sentido da história. Neste cenário, assim como no terceiro item dos subtítulos, há três personagens que batalham: a imprensa, a família real e a princesa

Também similar ao terceiro item da linha fina é a forma como a *Folha* se retira da narrativa, se afastando do papel de vilã, como podemos notar no próximo trecho. “**Fotógrafos são acusados** de, ao perseguir o carro da princesa, terem provocado o acidente.” (Braga e Canzian, 1997, p. 17, grifo nosso)

Além do uso da voz passiva, que não explicita quem aponta os fotógrafos como responsáveis e assim pode enfraquecer as acusações, não se usa a palavra “mídia” ou “imprensa”, o que dificulta a relação com a *Folha* e isola os fotógrafos dos veículos de comunicação. Utiliza-se ainda “acusados”, palavra que tem mais peso do que expressões como “apontados como responsáveis” ou “suspeitos de”, o que acaba responsabilizando os fotógrafos pela morte. Soa como se eles fossem os culpados pelo acidente e a imprensa não tivesse relação nenhuma com isso.

No oitavo e último parágrafo, identificamos o fundamento de Ensinamento. Como o próprio irmão de Diana menciona, a princesa parece ter aprendido uma lição importante, uma espécie de moral da história: o título, que perdeu ao se divorciar, não era necessário para viver de forma plena, para gerar magia no final. O uso da palavra magia remete, inclusive, ao conto de fadas, que já mencionamos no início da análise.

E aqui, novamente, aparece o distanciamento da monarquia que já havíamos observado em outros pontos do texto: a *Folha* demonstra, utilizando a credibilidade e a autoridade de alguém muito próximo a Diana, que não é necessário estar na família real para ser uma personalidade que se destaca mundialmente.

4.1 PROTAGONISMO

Para discutir o fundamento de Protagonismo na notícia, precisamos observar alguns fatores. A escolha óbvia é Diana, uma vez que a notícia trata do seu funeral. Seu protagonismo é estabelecido já nas primeiras palavras do parágrafo inicial, quando os autores mencionam seu nome e posição (princesa de Gales).

Porém, como pudemos observar, a repercussão também foi algo bastante presente na notícia. Assim, consideramos que a opinião pública poderia se encaixar no papel. De acordo com Lippmann (2008), um dos principais teóricos a discutirem o conceito, a opinião pública se traduziria nos aspectos do mundo exterior que se cruzam entre os seres humanos.

As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões

públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome dos grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas. (Lippmann, 2008, p. 40)

Para Ferreira (2015), o surgimento da opinião pública e das comunicações em massa estão diretamente relacionados, uma vez que ambos se desenvolveram em meio à urbanização massiva que acontece após as grandes navegações e a Revolução Industrial. Neste processo, os indivíduos se fixam menos nas tradições e mais nas formas coletivas de agrupamento. “Dessa maneira, a sociedade necessita de intermediários da comunicação que coloquem os diferentes agrupamentos em contato” (Ferreira, 2015, p. 59).

Assim, a relação entre a notícia e a opinião pública não é apenas possível, como clara. O conceito torna-se um candidato à protagonista, uma vez que o conteúdo está bastante focado na percepção da sociedade sobre diversos fatos: a morte da princesa, seu casamento, seu funeral, a reação da família real (especialmente a rainha Elizabeth) e as ações dos fotógrafos e da imprensa.

Assim, a opinião pública também desempenha um papel central na construção do significado e da importância do evento, moldando a narrativa e influenciando a forma como a notícia foi escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos responder à questão norteadora: o Storytelling apresenta-se na notícia da *Folha de S. Paulo* sobre o funeral da princesa Diana? Além disso, estabelecemos um objetivo geral: verificar, por meio da análise discursiva, se fundamentos de Storytelling estão presentes na notícia sobre a princesa Diana, e dois objetivos específicos: verificar como os fundamentos são colocados, se estiverem presentes; e observar de que forma a imprensa é retratada nas notícias. Assim, realizamos a AD, com foco nos fundamentos de Storytelling.

Desta forma, concluímos que de fato, segundo a análise realizada, o Storytelling apresenta-se na notícia sobre o funeral, e que o objetivo geral foi cumprido, tendo como resultado a verificação de todos os fundamentos do Storytelling estabelecidos por Palacios e Terenzzo (2016) na notícia.

Abordando os objetivos específicos, verificamos como os fundamentos são colocados por meio do texto corrido da análise. E entendemos que a imprensa foi retratada em diversos momentos com distanciamento do acidente.

Entre nossos principais achados, observamos: o distanciamento entre Diana e a realeza; o já citado afastamento entre imprensa e acidente; o uso do tom emocional e empático para se referir à Diana e seus filhos; o notável foco da notícia na repercussão do evento, diretamente relacionado com a disputa por protagonismo entre Diana e a opinião pública (conceito que não havíamos antecipado); a forte presença do simbolismo britânico; e a desvalorização da família real, fator já observado na *Folha* pela presente autora em pesquisa anterior sobre o casamento de Meghan e Harry (Tedeschi, 2019b).

É importante reconhecer que este artigo teve suas limitações, como o foco em uma notícia específica. Pesquisas futuras podem explorar outras notícias (como sobre a morte da princesa ou mesmo sobre seu casamento) para uma compreensão mais abrangente.

Em conclusão, o estudo atestou que o Storytelling desempenha um papel proeminente na notícia da *Folha de S. Paulo* sobre o funeral da princesa. Isso demonstra, em baixa escala, a importância desse conceito na mídia, mesmo fora do jornalismo literário.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Paulo Henrique; CANZIAN, Fernando. Funeral de Diana leva 2 milhões às ruas e se torna evento global. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 77, n. 24.994, 7 de setembro de 1997. Mundo, p. 17.

DIANA, Princess Of Wales. [2023]. Disponível em: <https://www.royal.uk/diana-princess-wales>. Acesso em: 18 fev. 2023.

DIANA: entre glamour, depressão e traição. **O Globo**, 30 ago. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/diana-entre-glamour-depressao-traicao-21740319>. Acesso em: 22 ago. 2022.

FERREIRA, Fernanda Vasques. Raízes históricas do conceito de opinião pública em comunicação. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 1, n. 7, p. 50-68, jan. 2015. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7-Janeiro-15-OPINIAO-Fernanda-Vasques-Ferreira-H-A.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. ANÁLISE DE DISCURSO: A QUESTÃO DOS FUNDAMENTOS. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 65–74, 2012.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636826>. Acesso em: 19 jul. 2023.

MORTON, Andrew. **Diana**: sua verdadeira história. 6. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013. E-book Kindle.

NÚÑEZ, Antonio. **Será mejor que lo cuentes**. Barcelona: Ediciones Urano, 2007.

PALACIOS, Fernando; TEREZZO, Martha. **O guia completo do storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos**. Brasília: Intercom, 2006. p. 1-15. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2023.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social**, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 12(1): 201-218, maio 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12326/14103>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SOUZA, Tito Eugênio Santos. O “Retorno” da Narrativa e a Emergência do Storytelling como Técnica Jornalística. *In*: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 20., 2018, Juazeiro. **Anais Eletrônicos** [...]. Juazeiro: Intercom, 2018, p. 1-13. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0491-1.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2023.

TEDESCHI, Giovanna Caldeira. Charles e Diana & Harry e Meghan: a representação dos casamentos reais nas capas da Revista Veja. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2019, Vitória. **Anais Eletrônicos** [...]. Vitória: Intercom, 2019a, p. 1-7. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0484-1.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2023.

TEDESCHI, Giovanna Caldeira. **Meghan Markle e o casamento real**: análise do acontecimento na cobertura da Folha de S. Paulo. 2019. 104 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019b. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28110/1/MeghanMarkleCasamento.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2023.